

O CHAMADO PARA O MARTÍRIO EM APOCALIPSE: AS SETE IGREJAS DA ÁSIA

*Leandro A. de Lima**

RESUMO

No final do primeiro século, quando João recebeu a visão e a registrou no livro do Apocalipse, as igrejas da Ásia não enfrentavam o pior período de perseguição. Muito embora existissem perseguições pontuais e alguma sombra de intensificação de perseguição se apresentasse no horizonte, boa parte dos cristãos vivia em relativa paz e segurança, desfrutando de privilégios e benefícios vindos do rico comércio imperial que permeava a região da Ásia Menor, e de seu status como cidadãos romanos. O desejo de permanecer desfrutando de certos benefícios levou muitos crentes a seguirem o caminho de acomodação cultural proposto por falsos mestres eloquentes da época. Contra essa disposição, o Apocalipse demonstra que os crentes verdadeiros precisam seguir o exemplo de Cristo, que foi fiel até a morte e recebeu a recompensa na ressurreição. Desse modo, se estiverem dispostos a viverem fiéis a Cristo e enfrentarem a própria morte por causa disso, darão o verdadeiro testemunho ao mundo, bem como participarão da recompensa de Cristo.

PALAVRAS-CHAVE

Sete igrejas da Ásia; Apocalipse; Martírio; Testemunho; Perseguição.

INTRODUÇÃO

Geralmente o livro do Apocalipse é considerado um tratado que objetiva trazer consolo à igreja que experimenta perseguição e sofrimento. Muitos cren-

* O autor é ministro presbiteriano e professor de Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Tem doutorado em Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e atualmente cursa outro doutorado em Novo Testamento pela Universidade de Kampen, na Holanda.

tes acreditam que, nos dias em que João recebeu o Apocalipse e o registrou, a igreja enfrentava grande e incessante perseguição, e que, em parte por causa disso, era uma igreja extremamente fiel, disposta a viver e morrer por Cristo. No entanto, há fortes razões no próprio livro do Apocalipse para entender que essas duas expectativas estão erradas e não descrevem a realidade dos fatos daqueles dias no final do primeiro século. O livro parece ter sido escrito como uma exortação para alguns grupos de cristãos que estavam experimentando relativo fracasso em seu testemunho perante o mundo.¹ O objetivo do livro foi mostrar para aqueles crentes o ponto exato em que estavam falhando e chamá-los ao arrependimento e à mudança de atitude.

É nossa convicção de que esse entendimento é importante não apenas para compreender melhor o livro do Apocalipse como um todo, mas também para “aproximar” leitores modernos do livro. O livro não descreve uma “igreja dos sonhos” em termos de fidelidade, ou como se costuma dizer, uma “igreja fiel porque era perseguida”. Isso nos mostra que, em todos os tempos, precisamos da exortação de Deus para que sejamos fiéis até à morte, seja em tempos de intensa perseguição ou de relativa paz e segurança.

1. MARTÍRIO EM APOCALIPSE

A noção comum de que o livro de Apocalipse descreve uma época histórica de intensa e incessante perseguição² tem sido questionada por muitos estudiosos.³ A percepção da ameaça de perseguição causada por eventos pontuais⁴

¹ É nossa convicção de que a chave hermenêutica para entender o pano de fundo histórico do Apocalipse está nas cartas às sete igrejas. Ver Elizabeth Schüssler-Fiorenza, *Priester fur Gott. Studien zum Herrschafts-und Priestermotiv in der Apokalypse*, NtAbh.NF, 7 (Munster: Aschendorff, 1972), p. 155-166.

² Ver: Elisabeth Schüssler-Fiorenza, *The Book of Revelation: Justice and Judgment* (2nd ed.; Minneapolis: Fortress, 1998), p. 187-99. A autora defende que existia perseguição, mesmo que não haja evidência para provar isso.

³ Principalmente por Leonard L. Thompson, *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 95-115. Segundo Thompson, duas visões contrastantes de Domiciano podem ser encontradas nas fontes antigas: a oficial, que o descreve como um tirano, e outras que o descrevem como um bom imperador. Thompson prefere a segunda, e, por isso, não vê justificativa para perseguições generalizadas no final do primeiro século. Adela Yarbro Collins, por outro lado, sustenta que havia perseguições. Ver: “Persecution and vengeance in the Book of Revelation”. In: *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, p. 729-749. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1983; ver também Adela Yarbro Collins, *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Philadelphia: Westminster, 1984, p. 84-110. Yarbro Collins destaca a importância de distinguir entre uma crise real e uma crise percebida (p. 32).

⁴ Beale define o “clima” do período com as seguintes palavras: “A evidência interna do livro aponta para uma situação de relativa paz e perseguição seletiva, com uma expectativa iminente de intensificação da perseguição em uma escala cada vez mais programática” (G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: Eerdmans; Paternoster Press, 1999, p. 12).

(Ap 2.10; 2.13), mais do que perseguição contínua, parece descrever melhor o período do final do primeiro século na região da Ásia Menor.⁵ Isso, entretanto, não diminui o impacto que os casos específicos de perseguição produziam sobre as igrejas daquela região. Na verdade, a característica quase randômica da perseguição parece ter produzido em muitos dos discípulos das sete igrejas da Ásia a esperança de poder escapar dela. E o meio escolhido para isso, em muitos casos, parece ter sido a subserviência disfarçada (ou não) aos padrões idolátricos romanos.⁶ Contra esse cenário,⁷ João apregoou a bem-aventurança da morte testemunhal.⁸

Apocalipse menciona várias vezes a palavra “vitória” ou “vencer”, e descreve os vencedores em cada epíteto das sete cartas. Mas, ao contrário do que isso representava nas batalhas romanas, o vencedor em Apocalipse não é aquele que permanece vivo, mas aquele que morre, como Cristo que é o Cordeiro vencedor (Ap 5.5-6). Kowalski está certo ao afirmar que “o objetivo principal da metáfora do Cordeiro é encorajar o povo de Deus que está passando por sofrimento e aflição, dando-lhe a chance de se identificar com Cristo, especialmente em seu sofrimento, luta e ressurreição”.⁹ De fato, além de exaltar a nobreza e a dignidade da testemunha que fielmente recusa-se a ceder às exigências idolátricas e morre por Cristo, João igualmente destaca de maneira contínua a recompensa desses mortos. O simples fato de João mencionar tantas vezes a expressão “mortos” ao longo do livro evidencia que

⁵ Nosso pressuposto é que o Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João por volta do ano 95 d.C., durante o reinado de Domiciano. Sobre perseguição, ver: Alan S. Bandy, “Persecution and the purpose of Revelation with reference to Roman jurisprudence”. *Bulletin for Biblical Research* 23, n. 3 (2013): 377-398. O autor argumenta convincentemente, pelo caminho da jurisprudência romana, que tanto a ameaça quanto a perseguição eram reais. Para uma defesa de que Domiciano era um grande perseguidor, ver W.H.C. Frend, *Martyrdom and Persecution in the Early Church*. Oxford: Basil Blackwell, 1965, p. 2211-2218.

⁶ Price estabelece que no tempo de Domiciano havia uma expectativa em meio à população de expressões públicas de lealdade ao imperador cada vez mais fortes, através do culto imperial. Essa pressão era por parte dos próprios cidadãos da Ásia Menor, e era especialmente devotada nos momentos em que o imperador visitava as cidades, ou nas datas natalícias. Frequentemente se associava a cultos locais e às aspirações das guildas comerciais da época (S. R. F. Price, *Rituals and Power: The Roman Imperial Cult in Asia Minor*. Cambridge: University Press, 1984, p. 78-222).

⁷ Ver a análise de Friesen, onde ele conclui que os estudos em Apocalipse deveriam focar menos em supostos excessos de perseguição sob Nero ou Domiciano, e mais no caráter normativo das atividades do culto imperial (Steven J. Friesen, *Imperial Cults and the Apocalypse of John: Reading Revelation in the Ruins*, Oxford: University Press, 2001, p. 135-151).

⁸ Beale entende que “o principal objetivo retórico do argumento literário do Apocalipse de João é exortar o povo de Deus a permanecer fiel ao chamado para seguir o exemplo paradoxal do Cordeiro e não se comprometer, tudo com o objetivo de herdar a salvação final” (G. K. Beale, *The Book of Revelation*, p. 171).

⁹ B. Kowalski, *Martyrdom and Resurrection in The Revelation to John*. *Andrews University Seminary Studies* 41.1 (2003), p. 55.

o autor está preocupado em explicar a situação deles (Ap 1.5; 6.9-11; 11.18; 14.13; 18.24; 20.5, 12-13). O livro encoraja os crentes a perseverarem até o fim, significando prioritariamente a necessidade de morrer por Cristo a fim de receber a grande recompensa de sua fidelidade (Ap 2.10; 12.11).

No entanto, essas menções explícitas e diretas podem ser apenas a ponta do iceberg. Há, no nosso entendimento, uma intrincada e desenvolvida teologia em favor do martírio ao longo de todo o livro, a qual se relaciona diretamente com o martírio de Jesus. Sweet lista quatro aspectos da relação entre o martírio de Jesus e o martírio de seus seguidores, conforme o livro de Apocalipse estabelece:

- (a) O sofrimento dos cristãos é o resultado do testemunho, que não é apenas o testemunho acerca de Jesus, mas o testemunho de Jesus, que eles mantêm.
- (b) Mantido fielmente, este testemunho traz sofrimento para eles, como trouxe para ele, do mundo que provoca e atormenta.
- (c) Não consiste no sofrimento, mas em falar pelo Deus verdadeiro em palavra e comportamento contra a idolatria e imoralidade do mundo.
- (d) Em última análise, é vitorioso, não pelo efeito moral do sofrimento em que incorre, mas pela vindicação de Deus, que destrói a oposição.¹⁰

A vitória sobre a morte aparece como a grande vindicação dos mártires em Apocalipse. A morte é um inimigo personificado no livro (6.8). Ela aparece como o grande adversário que Cristo já conquistou exatamente por ter morrido (1.18). O último ato julgador de Cristo no final do livro é banir a morte para o lago de fogo (20.14; 21.4). Uma vez que essa morte ainda não foi banida, a igreja se vê diante dela, tendo que enfrentá-la. Do mesmo modo que Cristo obteve a vitória sobre esse inimigo, também para a igreja o melhor modo de vencer a morte é, paradoxalmente, morrer. Assim, o chamado ao martírio é, na verdade, em Apocalipse, não a exaltação de um momento místico de sofrimento (como muitas vezes parece ser na literatura posterior de martírio), mas a certeza da verdadeira vitória. Os crentes derrotam a morte quando morrem como Cristo morreu. Tornam-se testemunhas vitoriosas perante o mundo e herdam o mundo vindouro.

Desde o estudo de Trites, é comum pensar que os termos *mártir*, *martírio* (μάρτυς, μαρτυρία) e seus cognatos¹¹ em Apocalipse não tenham o significado semântico plenamente assumido de “morte testemunhal”, que veio a ser am-

¹⁰ J. P. M. Sweet, *Maintaining the Testimony of Jesus: The Suffering of Christians in the Revelation of John*. In: *Suffering and Martyrdom in the New Testament*. William Horbory and Brian McNeil (Eds.). Cambridge: University Press, 1981, p. 101.

¹¹ Esses termos possuem grande peso semântico nos escritos atribuídos a João no Novo Testamento. O conceito ocorre normalmente no início e no final dos escritos: Jo 1.7 e 19.35; 21.24; 1Jo 1.2 e 5.9; Ap 1.2 e 22.20 (Ver A. Pohl. *Die Offenbarung des Johannes*. Wuppertal: Teil, 1969, Ap 1.2).

plamente desenvolvido e generalizado no segundo século, a partir do Martírio de Policarpo. Trites estabelece cinco estágios para a mudança e consolidação semântica do termo mártir (μάρτυς). Primeiro tinha apenas o sentido de testemunho perante um tribunal, sem implicação de morte. Em segundo lugar, foi aplicado a alguém que testemunhou diante de um tribunal e foi morto como consequência. Em terceiro lugar, a morte se tornou parte do testemunho. Em quarto lugar, a palavra μάρτυς assumiu o caráter técnico de morte. Por último, a noção de testemunho desapareceu do termo, ficando exclusivamente a ideia de morte ou martírio.¹² A conclusão de Trites é que:

O estudo do uso de μαρτυρία no Apocalipse leva à conclusão de que a palavra ainda não atingiu o estágio em que sua definição de dicionário é “martírio”. Onde as ideias martirológicas estão presentes, elas devem ser deduzidas do contexto e não de uma mudança semântica no significado da palavra.¹³

Assim, para Trites, a terminologia em Apocalipse está ainda no terceiro estágio, movendo-se na direção do quarto e do quinto estágios. O estudo semântico de Trites é útil para nossa discussão, pois parece evidente que há uma evolução terminológica, porém não é possível localizar o conceito de martírio em Apocalipse precisamente no terceiro estágio, justamente porque, embora o termo não signifique semanticamente “morte testemunhal”, o conceito está firmemente associado a isso, pois a morte é praticamente uma consequência *necessária* do testemunho. A teologia martirológica do livro de Apocalipse se ancora no termo “testemunha”. Deste modo, a definição de Dragas precisa ser adicionada: “É preciso lembrar também, no entanto, que no Apocalipse, μάρτυς se refere àqueles que testemunham através da morte e que tanto Antipas quanto o próprio Jesus são, portanto, as verdadeiras testemunhas”.¹⁴ De fato, “embora o vocabulário sobre testemunho no Apocalipse, de um modo geral, provavelmente não se refira ao martírio, neste caso o termo μάρτυς está relacionado com uma morte violenta”.¹⁵ Entendemos, portanto, que embora Apocalipse ainda não use semanticamente o termo μάρτυς como substituto de morte testemunhal, o livro foi grandemente responsável por essa identificação posterior, pois associou fortemente os sentidos. Segundo a definição de Van Henten, “um mártir é uma pessoa que se encontra em situação extremamente hostil e prefere uma morte violenta a cumprir uma exigência de autoridades

¹² A. A. Trites, “μάρτυς and Martyrdom in the Apocalypse: A Semantic Study”, *Novum Testamentum* 15 (1973), p. 72-73.

¹³ *Ibid.*, p. 77.

¹⁴ G. Dragas. “Martyrdom and orthodoxy in the New Testament era: the theme of martyria as witness to the truth.” *The Greek Orthodox Theological Review* 30, n. 3 (September 1985), p. 292.

¹⁵ P. H. R. van Houwelingen. *The Book of Revelation: Full of Expectation. Sárospataki Füzetek* 1 (2011), p. 16.

estrangeiras”.¹⁶ O conceito, portanto, nos parece presente no livro de Apocalipse, fortemente associado ao uso do termo μάρτυς e seus cognatos.

Existe uma noção bem estabelecida da importância e do valor de uma morte testemunhal anterior ao Apocalipse.¹⁷ E ao usar esse conceito associado ao termo μάρτυς o Apocalipse moldou fortemente o sentido nessa direção.¹⁸ O termo martírio em Apocalipse tem a conotação de um testemunho, a sustentação de uma verdade que não se abaixa diante das exigências mundanas, mas que persevera em fidelidade até a morte. Uma testemunha verdadeira só pode ser alguém que está disposto a ir até o fim nesse testemunho, mesmo que, eventualmente, ele não seja morto violentamente. Para definir o mais precisamente possível a discussão, entendemos que o testemunho em Apocalipse não exige *necessariamente* uma morte violenta da testemunha, mas exige a *disposição* para tal morte.

2. A PALAVRA DO TESTEMUNHO

O Apocalipse expressa a ideia de que o comportamento esperado de um verdadeiro cristão é algo que entra em conflito direto com as condições, exigências e padrões de comportamento impostos pela sociedade romana, da qual os cristãos das sete igrejas da Ásia faziam parte. Ou seja, de acordo com o Apocalipse, se um cristão realmente vivesse como devia viver em relação a Deus, isso de fato poderia levá-lo a sofrer consequências, como a perda de direitos comerciais, além de ter que enfrentar processos judiciais complicados e perigosos, pois ser acusado de falta de lealdade ao imperador romano era algo muito grave naqueles dias. Aparentemente, não era todo dia que algum cristão era levado perante as autoridades romanas por causa da sua fé, e isso mostra que, por um lado, a perseguição não era maciça, mas, por outro lado, que provavelmente a maioria dos cristãos não estivesse vivendo como um cristão devia viver. Roma não os via como ameaça aos seus padrões sociais, religiosos e culturais.

¹⁶ Ver J. W. van Henten & F. Avemarie. *Martyrdom and Noble Death – Selected Texts from Graeco-Roman, Jewish and Christian Antiquity*. London & New York: Routledge, 2002, p. 3-4.

¹⁷ Como ficou estabelecido na tese de Van Henten, que analisou o conceito de martírio como herdado do judaísmo, especialmente de 2 e 4 Macabeus. Van Henten estabelece que “a figura do mártir é mais antiga que o Cristianismo e tem raízes judaicas” (J. W. van Henten, *The Maccabean Martyrs as Saviours of the Jewish people, A Study of 2 and 4 Maccabees*. Leiden: Brill, 1997, p. 7). A origem provavelmente está nas histórias contadas em Daniel 3 e 6, onde Daniel e seus três amigos enfrentam a condenação à morte diante das autoridades estrangeiras pelo motivo de se recusarem a descumprir ordens de seu Deus.

¹⁸ Provavelmente é possível ver isso em livros canônicos anteriores ao Apocalipse, como no livro de Atos, onde os apóstolos e discípulos são chamados a serem μου μάρτυρες (At 1.8). O primeiro discípulo de Cristo a ser morto, Estevão, é chamado de μάρτυρός σου. Paulo, ao ser comissionado, também recebe a designação de testemunha (At 26.16).

A mensagem central do livro pode ser entendida como um chamado divino para que os crentes das igrejas assumam a responsabilidade de serem testemunhas de Jesus diante da sociedade idólatra. Os cristãos nas sete igrejas precisavam seguir o exemplo de Cristo, o qual sofreu perante as autoridades romanas na Judeia em razão de ter permanecido fiel a Deus. Jesus pagou o preço da fidelidade através de sua morte, mas recebeu a recompensa disso em sua ressurreição. Portanto, na visão de João, os cristãos precisam entender o que significa ser uma testemunha de Jesus, ou seja, qual é o conteúdo desse testemunho, quais são os desafios e consequências imediatas dessa atitude e, finalmente, quais são as recompensas. O Apocalipse foi escrito primordialmente para trazer esse conhecimento aos cristãos. É um chamado para uma atitude de mudança e consagração.

Há uma frase que aparece diversas vezes no livro e que resume bem o significado desse chamado ou convocação: “*por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus*”. Essas palavras de fato quase parecem um brado de guerra, e resumem o senso de heroísmo e fidelidade esperado dos verdadeiros cristãos, conforme estabelecido no livro do Apocalipse. Essas duas expressões aparecem, com algumas variações, seis vezes no livro, atribuídas a certas pessoas que, por causa delas, enfrentam sérias dificuldades, inclusive perseguições, prisões e morte, mas também triunfam esplendidamente. E ainda aparecem uma sétima vez de maneira resumida. Listamos abaixo todas as sete vezes em que a frase pode ser vista (com pequenas modificações):¹⁹

Apocalipse 1.1-2 – Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou *a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo*, quanto a tudo o que viu.

Apocalipse 1.9 – Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, *por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus*.

Apocalipse 6.9 – Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos *por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam*.

Apocalipse 12.17s – Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que *guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus*; e se pôs em pé sobre a areia do mar.²⁰

¹⁹ As modificações na frase em suas aparições parecem intencionais e fazem parte do estilo de João, que poderia ser denominado de “paralelismo progressivo”.

²⁰ Em Apocalipse 12.17, há uma mudança interessante nos termos, com “palavra” sendo substituída por “mandamentos”.

Apocalipse 14.12 – Aqui está a perseverança dos santos, *os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus*.²¹

Apocalipse 20.4 – Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados *por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus*, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

Além dessas seis ocorrências, em Apocalipse 12.11 há uma abreviação que parece ser intencional para essa dupla declaração: palavra/mandamentos e testemunho/fidelidade. A expressão é traduzida como “palavra do testemunho” e é a causa da vitória dos crentes sobre o dragão. Ou seja, é a disposição deles de morrer por Cristo que garante sua vitória: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da *palavra do testemunho* que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”.

Essa “palavra do testemunho” é o ato de um cristão verdadeiro em defender a verdade de Deus diante do mundo, em viver de acordo com ela, mesmo sabendo que isso acarretará perseguições, perdas, sofrimentos e, em último caso, a própria morte.

Além disso, nota-se que os termos correlatos “testemunha”, “testemunho” ou o verbo “testemunhar” também aparecem em outros lugares do livro. Em grego, esses termos podem ser transliterados como “mártir”, “martírio”, “martirizar” (μάρτυς, μαρτυρία, μαρτυρεῖν). O termo testemunho, como algo que deve ser sustentado e que causa a própria morte daqueles que o dão, aparece como a tarefa que é dada às duas testemunhas em Apocalipse 11.7: “Quando tiverem, então, concluído *o testemunho* que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará”. Percebemos que as duas testemunhas são mortas pela besta que sobe do abismo. Em Apocalipse 20.4, a causa da morte das almas foi justamente “não adorar a besta”.

O termo μαρτυρία, “testemunho”, além das ocorrências mencionadas acima, também aparece em Apocalipse 1.5, onde o próprio Jesus é descrito como “a *testemunha* fiel” (ὁ μάρτυς ὁ πιστός). Essa expressão provavelmente indica sua morte na cruz (também em Apocalipse 3.14). Por causa disso, em Apocalipse 2.13, Antipas, que foi morto em Pérgamo, é chamado pelo próprio Cristo de “minha *testemunha* fiel” (μάρτυς μου, ὁ πιστός μου).

O tabernáculo celestial é denominado em Apocalipse 15.5 como o santuário do tabernáculo do *testemunho*. Essa expressão provavelmente aponta para os mártires reunidos no céu, que são vingados pelos flagelos que começam

²¹ Em Apocalipse 14.12, “palavra” é substituída por “mandamentos” e “testemunho” por “fidelidade” ou “fé”.

a ser derramados depois. Em Apocalipse 17.6, a grande prostituta é descrita como bêbada com o sangue das *testemunhas* de Jesus. Além disso, a expressão “*testemunho* de Jesus” aparece duas vezes em 19.10, com uma relação direta com 22.9, onde também aparece a expressão para guardar as palavras do livro.

Finalmente, nos últimos seis versículos do livro, há três usos do termo “*testemunho*” em sua forma verbal. Em 22.16, Jesus relembra o envio do anjo para mostrar a João a visão (descrita primeiro em 1.1): “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos *testificar* estas coisas às igrejas”. Em 22.18, o termo *testemunho* é usado como um aviso contra acréscimos ou subtrações sobre o conteúdo do livro. Em 22.20, Jesus se autodenomina “aquele que dá *testemunho*” e anuncia seu retorno em breve.

Por isso, o chamado ao testemunho é a grande mensagem do livro, e é o aspecto central que queremos demonstrar neste artigo. Apocalipse é um chamado ao verdadeiro testemunho. Infelizmente, as sete igrejas da Ásia estavam falhando em dar esse testemunho naqueles dias, e, do mesmo modo, a igreja atual também pode estar falhando.

3. O CHAMADO AO MARTÍRIO NAS SETE CARTAS

Os cristãos das sete cidades imperiais não eram oriundos apenas das classes mais baixas da população; muitos eram comerciantes ricos e bem-sucedidos (Ap 3.17).²² Eles ajudavam a abastecer o comércio imperial com bens e serviços. Muitos eram comerciantes navais (Ap 18.9-19).²³ Para não perderem privilégios, nesse sentido, evitavam entrar em confronto com as autoridades romanas e com a população em geral. Para esses cristãos, o Apocalipse foi endereçado como um alerta contra o perigo de se acomodar ao *status quo* dominante e participar do culto imperial.²⁴ É provável que, como diz Collins, muitos dos leitores para quem João escreveu o Apocalipse nem sequer percebiam a crise que os cercava.²⁵ Estavam de tal modo envolvidos com a vida romana que nem

²² Ver o estudo de Wayne Meeks sobre a origem social dos crentes a partir das cartas paulinas. Ele conclui que os crentes vinham menos dos extremos das classes sociais romanas altas e baixas, sendo na sua maioria artesãos e pequenos comerciantes (W.A. Meeks, *The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul*. New Haven: Yale University Press, 1983, p. 73. Ver também A. J. Malherbe, *Social Aspects of Early Christianity*. Baton Rouge, LA: Louisiana State University Press, 1977, p. 29-32). Ver ainda o resumo sobre o status social dos cristãos em: L. L. Thompson, *The Book of Revelation*, p. 128-129.

²³ Ver, nesse sentido, a bem fundamentada tese de: J. Nelson Kraybill, *Imperial Cult and Commerce in John's Apocalypse*. *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series* 132. Sheffield: Academic Press, 1996. Sobre a relação entre economia e religião, ver também Leonard L. Thompson, *The Book of Revelation*, p. 171-197. R. M. Royalty, *The Streets of Heaven: The Ideology of Wealth in the Apocalypse of John*. Macon, GA: Mercer University Press, 1998.

²⁴ Price faz uma análise dos motivos pelos quais as pessoas da Ásia Menor participavam do culto imperial. Ver *Rituals and Power*, p. 234-48.

²⁵ Adela Yarbro Collins, *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Philadelphia: Westminster, 1984, p. 77. A autora entende que o culto imperial não era um problema para a maioria das

percebiam os riscos de idolatria à sua volta. Porém, após lerem o Apocalipse, teriam que tomar uma decisão.²⁶

As igrejas estavam sofrendo, basicamente, por dois motivos: problemas internos e externos. Externamente, como dissemos, havia um clima de ameaça de perseguições e também algumas perseguições pontuais por parte das autoridades do Império. Apocalipse dá a entender que muitos cristãos estavam sentindo a ameaça de serem cerceados em seus direitos civis, mesmo como cidadãos romanos, com perda de funções, cargos e bens. E alguns temiam sofrer sanções ainda maiores como prisão, escravidão e morte. Como já dissemos, ser cristão no primeiro século costumava envolver um certo risco de perder coisas, a liberdade ou a própria vida. O próprio João, apóstolo de Cristo, se encontrava preso, como grande evidência do preço a ser pago.²⁷ Ao que parece, muitos cristãos não estavam dispostos a pagar esse preço e tentavam encontrar maneiras de fugir às punições sem, necessariamente, abandonar a fé cristã. Isso, provavelmente, gerava o segundo grave problema que a maioria das igrejas enfrentava: a abertura para os falsos ensinamentos e a imoralidade. Além dos pecados tradicionais como desunião, brigas, fornicação etc., um tipo de impureza doutrinária e moral parecia estar muito ligado à questão da ameaça de perseguição e ao desejo de escapar dela. Informações históricas mostram que o culto imperial permeava todos os aspectos da vida das cidades e vilas da Ásia Menor, de maneira que era impossível uma pessoa aspirar a uma melhor condição social e econômica sem participar em algum grau do culto romano.²⁸ Cidadãos tanto das classes altas quanto das baixas eram convocados a oferecer sacrifícios ao imperador em várias ocasiões, e nas cidades principais, como Éfeso, fundos públicos eram distribuídos para que os cidadãos pudessem pagar pelos sacrifícios, de modo que não participar desses eventos era considerado deslealdade e falta de patriotismo, incorrendo nas penalidades legais.²⁹

igrejas, ou seja, muitos crentes da região não pensavam que eram proibidos de participar por causa de sua convicção cristã. Kraybill sustenta que “as comunidades cristãs da Ásia Menor provavelmente experimentaram mais desejo interno de se conformar à sociedade pagã do que pressão externa no caminho da perseguição” (*Imperial Cult*, p. 196).

²⁶ J. P. M. Sweet diz: “A parte apocalíptica não é tanto um ataque ao mundo para encorajar a Igreja, mas um ataque à Igreja, que está abraçando o mundo – para seu próprio perigo mortal e na traição de seu verdadeiro papel de convencer o mundo por seu testemunho, para a salvação do mundo” (Maintaining the testimony of Jesus, in: *Suffering and Martyrdom in the New Testament*. Eds. William Horbory and Brian McNeil. Cambridge: University Press, 1981, p. 102-103).

²⁷ Apesar de Thompson sugerir que João pudesse ter ido a Patmos para pregar o Evangelho (*Apocalypse and Empire*, p. 172-173), a maior parte dos intérpretes, inclusive os pais da igreja, entende que ele havia sido aprisionado. De fato, os termos θλίψει e ὑπομονῆ que ele usa para descrever sua estada em Patmos sugerem prisão, mais do que apenas pregação.

²⁸ Ver Price, *Rituals and Power*, p. 101-132; Friesen, *Imperial Cults and the Apocalypse of John*, p. 135-151.

²⁹ Ver Beale, *Revelation*, p. 240-241; Price, *Rituals and Power*, p. 78-121.

Os falsos mestres ensinavam maneiras de as pessoas escaparem das perseguições pelo caminho da infidelidade. A menção aos nicolaítas,³⁰ aos seguidores de um tipo moderno de “Balaão” e uma moderna “Jezabel”, que aparecem em quase todas as cartas, são indicações nesse sentido. Suas doutrinas claramente liberavam as pessoas do compromisso de santidade; por isso também, logicamente, as livravam das sanções públicas.

Éfeso, em princípio, parece um exceção nesse sentido. A igreja recebe um inesperado elogio, quando Cristo diz: “Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio” (2.6). A cidade era a metrópole da Ásia Menor.³¹ Certamente continha a igreja mais importante daquela região.³² Os efésios, ao menos no começo, recusaram seguir o caminho alternativo indicado pelos falsos apóstolos, aquele que os liberava de “sofrer provas por causa do nome de Jesus”; ao contrário, mostraram “labor e perseverança” (κόπον καὶ τὴν ὑπομονήν). Eles seguiram o caminho do sofrimento, da perda de direitos perante as autoridades, mas não da perda da fidelidade diante de Deus. Mas, ao que parece, a situação mudou depois de um tempo, pois o Senhor acusa a igreja: “Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”. Provavelmente, isso significava uma falta de zelo no testemunho público do Evangelho.³³ O chamado ao arrependimento, por certo, significava um chamado viril ao testemunho, para voltar a suportar fielmente as provas por causa de Cristo. Portanto, Éfeso não deu espaço aos falsos pregadores, mas, no final, não se saiu melhor do que as outras igrejas, fracassando no testemunho perante o mundo por medo das consequências.

Esmirna era uma igreja fiel. Ela recebe elogios e forte admoestação de Cristo a permanecer fiel, a continuar imitando a Cristo, o que a coloca como igreja padrão no livro. Para ela, Cristo se reapresenta nos termos já ouvidos no capítulo 1, o “primeiro e último, que esteve morto e tornou a viver”. O Cristo que experimentou o sofrimento e a morte se identifica com a igreja sofredora

³⁰ Não parece haver razão para a ligação feita por Irineu entre os nicolaítas e o prosélito Nicolau mencionado em Atos 6.5 (*Adv. Haereses* 1.26.3, 3.11.1). Outros pais da igreja como Hipólito (*Haereses* 7.24) disseram que se tratava de uma seita gnóstica que praticava imoralidade. Segundo Beale, “os nicolaítas ensinavam que algum grau de participação na cultura idólatra de Éfeso era permissível” (*Revelation*, 233). Thompson diz que eram forasteiros que tentavam se estabelecer na igreja de Éfeso (*Apocalypse and Empire*, p. 12). Fiorenza afirma que os nicolaítas “expressam sua liberdade em um comportamento libertino” (*Apocalyptic and Gnosis*, p. 570).

³¹ Éfeso se tornou proeminente no tempo de Domiciano, com a instalação do culto provincial ao imperador. (S. J. Friesen, *Twice Neokoros: Ephesus, Asia and the Cult of the Flavian Imperial Family*. Leiden: Brill, 1993, p. 41-49).

³² G. E. Ladd, *A Commentary on the Revelation of John*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972, p. 30. Foi o lugar em que Paulo pastoreou e, antes de ir embora, advertiu contra os falsos mestres e falsos ensinamentos que poderiam vir após a sua partida (At 20.28-31).

³³ Beale, *Revelation*, p. 230.

de Esmirna com as palavras “conheço a tua tribulação”. O estado paradoxal “pobreza (material) *versus* riqueza (espiritual)” também foi algo experimentado por Cristo. E as blasfêmias dos “falsos judeus”, que parecem ter agido como acusadores perante as autoridades romanas, também estão evocadas aqui. A falta de explicações adicionais para a expressão “sinagoga de Satanás” quanto à sinagoga judaica existente em Esmirna nos impede de ter certeza acerca da identidade desses “falsos” judeus.³⁴ Porém, levando em consideração que Satanás é chamado de “grande acusador” em Apocalipse 12.10, parece justificar a ideia de que provavelmente se deva à atitude acusatória adotada pelos judeus contra os cristãos perante as autoridades romanas.³⁵ Essa parece ser a maior ameaça de perseguição contemplada no livro de Apocalipse. Os judeus de Esmirna não queriam conceder aos cristãos o mesmo privilégio de praticar sua religião fora da Judeia e, provavelmente, acusavam os cristãos perante as autoridades, demonstrando que eles não eram judeus, e assim incitavam as autoridades contra os cristãos.³⁶ Por essa atitude sem misericórdia, aqueles judeus se revelavam como “falsos judeus”, pois apesar do sangue e da descendência judaica, não agiam como filhos de Deus e sim como “filhos do diabo” (Jo 8.44).³⁷ Para essa igreja tão identificada com “a testemunha fiel” (Ap 1.5 – ὁ μάρτυς ὁ πιστός), o Senhor Jesus diz: “Não temas as coisas que tens de sofrer”. Esse parece ser o grande incentivo do Apocalipse para uma disposição ao martírio. Do mesmo modo como Cristo tocou João quando este estava “como morto” e lhe disse “não temas; eu sou o primeiro e o último... e tenho as chaves da morte e do Hades” (Ap 1.17-18), agora ele conforta a igreja de Esmirna. Certamente, no sofrimento e morte está a promessa da recompensa daquele que pode abrir

³⁴ Van Henten observa que “à exceção das referências a Satanás e ao diabo (2.9-10), o decreto permanece um tanto vago sobre quem é responsável pelo sofrimento dos fiéis em Esmirna” (*Martyrdom*, p. 590). Ver também a discussão na nota 14 da mesma página sobre autores que assumem posições diferentes sobre a identidade desses judeus.

³⁵ Friesen entende que João fez uso de ironia e sarcasmo nesse ponto, como uma forma de “vilificação” (termo de A. Y. Collins, “Vilification and Self-Definition in the Book of Revelation,” *HTR* 79 (1986): 308–20). Steve Friesen. Sarcasm in Revelation 2–3: Churches, Christians, True Jews, and Satanic Synagogues. In: David L. Barr, *The Reality of Apocalypse: Rhetoric and Politics in the Book of Revelation Number 39*. Leiden, Boston: Brill, 2006: 127-144.

³⁶ Segundo informações históricas, até a segunda metade do primeiro século os cristãos desfrutavam de certa liberdade de culto debaixo do guarda-chuva do judaísmo, pois as autoridades romanas não distinguiam o cristianismo do judaísmo. Os judeus desfrutavam de certa tolerância por parte dos romanos, não eram obrigados a sacrificar a César como deus, mas apenas como governante. Após o tempo de Nero, novas religiões não foram permitidas em Roma, então os judeus tentaram mostrar aos romanos que o cristianismo não era o judaísmo. Ver Beale, *Revelation*, p. 240.

³⁷ No *Martírio de Policarpo*, existe uma descrição interessante nesse sentido, quando o procônsul proclama diante da multidão no estádio que Policarpo é um cristão. Então, a multidão composta de gentios e judeus que habitavam em Esmirna testemunhara contra Policarpo dizendo que ele pregava contra os deuses e ensinava a não oferecer sacrifícios. Por causa disso, Policarpo foi condenado à morte (MPoly 12.1-2).

o Hades. O Cristo que padeceu a morte nas mãos dos romanos por causa da acusação dos judeus anima sua igreja a passar pela mesma situação, pois “eles sofreram por isso nas mãos dos judeus, os quais assim se mostraram servos de Satanás (2.9; 3.9)”.³⁸ Que sejam, portanto, imitadores de Cristo. Devem imitá-lo na maneira como são acusados pelos judeus, na maneira como são julgados e condenados, mas também na maneira como Cristo triunfou.

Ele anuncia prisão, prova e tribulação de dez dias³⁹ para a igreja. Isso significava que a acusação dos judeus perante as autoridades levaria à prisão de alguns irmãos da igreja de Esmirna.⁴⁰ Provavelmente exista aqui uma intertextualidade com o tempo de teste de Daniel e seus três amigos em Babilônia, que solicitaram dez dias ao rei para provar que, comendo só legumes, sem participar das iguarias da mesa do rei, poderiam se manter mais saudáveis do que os outros (Dn 1.12-15).⁴¹ Se essa interpretação está correta, João estava dizendo aos crentes de Esmirna que eles não podiam se beneficiar das vantagens da cidadania romana, uma vez que isso os obrigava a participar dos cultos idolátricos. A consequência, entretanto, para essa recusa seria sofrimento certo e, provavelmente, morte.

Do mesmo modo que Cristo, que se apresentou como aquele que esteve morto, mas tornou a viver, ou seja, a “testemunha fiel e o primogênito dos mortos”, a igreja também é chamada a permanecer “fiel até a morte” (πιστὸς ἄχρι θανάτου), pois do mesmo modo, experimentará a gloriosa recompensa de receber “a coroa da vida” (τὸν στέφανον τῆς ζωῆς). Isso só pode, portanto, ser uma referência à ressurreição.⁴² Porém, a próxima declaração parece esclarecer detalhadamente a que isso se refere: “O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte” (Ap 2.11). Ou seja, quem permanecer fiel “até a morte” (ἄχρι θανάτου), o que dá a ideia não de um período de tempo até a morte, mas de uma fidelidade que pode resultar em morte,⁴³ não sofrerá a destruição da

³⁸ J. P. M. Sweet, *Maintaining the testimony of Jesus*, p. 106.

³⁹ O tempo da tribulação como sendo de “dez dias” provavelmente não seja uma referência a um período literal; antes aponta para o aspecto perverso e maligno dessa detenção. O número dez em Apocalipse está associado às forças malignas (Ap 9.16; 12.3; 13.1).

⁴⁰ As autoridades romanas podiam lançar pessoas em prisão para manter a ordem pública, mesmo antes de serem condenadas (At 16.23-24). O aprisionamento permitia aos oficiais realizar a acusação e pressionar o acusado até obter uma confissão, como aparece na carta de Plínio, o Moço (Ep. 10.96.3-4). As pessoas eram mantidas na prisão indefinidamente até que a sentença fosse imposta, a qual podia ser multa, banimento ou morte. Ver Craig R. Koester, *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary*, org. John J. Collins, vol. 38A, Anchor Yale Bible. New Haven; London: Yale University Press, 2014, p. 276. Esse ato era chamado de procedimento *cognitio*.

⁴¹ Beale, *Revelation*, p. 242.

⁴² Ver B. Kowalski, *Martyrdom and Resurrection*, p. 58.

⁴³ A construção significa “não fiel até a hora da morte, mas fiel até uma medida que suportará a morte por amor de Cristo. É um termo intensivo, não extensivo” (Marvin Richardson Vincent. *Word*

“segunda morte”. O próximo lugar no Apocalipse onde a expressão “segunda morte” aparece é justamente 20.6, onde se diz que os participantes da “primeira ressurreição” estão livres da segunda morte. Nesse mesmo texto é declarado que as almas dos decapitados reinam com Cristo durante os mil anos. Portanto, é possível concluir preliminarmente que “a coroa da vida” prometida aos vencedores em Esmirna era participar da primeira ressurreição. Tal aconteceria se os crentes se mantivessem fiéis até o ponto de morrerem por causa disso. Então, semelhantemente a Cristo, também viveriam novamente. A coroa da vida, portanto, parece ser uma recompensa especial para os mortos fiéis, uma distinção de participar diretamente do reinado de Cristo (20.4), passando pelas portas do Hades diretamente para o céu. Em resumo: vale a pena ser uma testemunha/mártir de Cristo.

A ameaça da morte que ainda era uma sombra futura para os crentes de Esmirna aparece como um fato consumado ao menos para uma pessoa em *Pérgamo*. A igreja ficava numa cidade imperial, uma antiga cidade fortaleza conquistada por Roma e transformada num importante centro de adoração ao imperador romano.⁴⁴ Pérgamo era um centro do culto a Asclépio, uma divindade representada por uma serpente, porém isso não parece estar à altura do desafio pretendido pela expressão “trono de Satanás”. É mais seguro identificar a expressão como uma alusão ao forte paganismo de Pérgamo simbolizado no grande altar que provavelmente dominava a acrópole onde ficava o centro de adoração ao César.⁴⁵

A menção à morte de um cristão daquela igreja se reveste de grande significado. Aparentemente, é a única pessoa que recebe um nome próprio em Apocalipse além do próprio João.⁴⁶ É possível concordar com Kraybill que “o fato de Antipas ser o único mártir mencionado no Apocalipse sugere que a perseguição letal era possível, mas ainda não era comum para os cristãos na Ásia Menor”.⁴⁷ Isso reforça a ideia de que o martírio era uma possibilidade um tanto remota para os cristãos das sete igrejas.⁴⁸ De fato, talvez por ser remota,

studies in the New Testament. New York: Charles Scribner’s Sons, 1887, 2:445). A referência não é “até”, mas “mesmo que”. (Henry Alford. *The Greek Testament*. Boston: Lee and Shepard, 1872, 4:567).

⁴⁴ W. Ramsay. *The Letters to the Seven Churches of Asia*. London: Hodder & Stoughton, 1904ss.

⁴⁵ H. B. Swete. *Apocalypse of St. John: the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1951, p. 34-35. Aune lista ao menos oito possibilidades de interpretar a expressão “trono de Satanás” (D. E. Aune. *Revelation*. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 1998, 52A: 182-183).

⁴⁶ Considerando que Jezabel, mencionada na carta à igreja de Tiatira, não seja realmente um nome próprio.

⁴⁷ *Imperial Cult*, p. 34.

⁴⁸ É preciso reconhecer que, claramente, o episódio de Antipas fazia parte do passado (Paul B. Duff. *The Synagogue of Satan: Crisis Mongering and the Apocalypse of John*. In David L. Barr, *The Reality of Apocalypse*, p. 161). Porém, aparentemente, um passado recente (M. Gilbertson. *God and History in the Book of Revelation: New Testament Studies in Dialogue with Pannenberg and Moltmann*. Cambridge: University Press, 2003, p. 110).

era uma possibilidade que não os preocupasse cotidianamente. Se eles não se indisputassem, de algum modo, diretamente contra Roma, provavelmente não sofreriam grandes consequências. No entanto, essa tepidez é condenada no Apocalipse. A posição de Antipas é destacada. Se Esmirna é o grande exemplo de igreja, Antipas é o grande exemplo de cristão que o livro quer destacar. Não é apenas a menção ao nome, mas principalmente os termos aplicados a ele por Cristo que chamam a atenção: Antipas, minha testemunha, meu fiel (Ἀντιπᾶς, ὁ μάρτυς μου, ὁ πιστός μου). Não pode haver nenhuma dúvida de que, com essas palavras, Antipas está sendo descrito como alguém que morreu por Cristo.⁴⁹ Esses termos foram usados para descrever a execução de Jesus em Apocalipse 1.5. E isso foi exatamente o que aconteceu com Antipas,⁵⁰ pois João diz “o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita”. A expressão pode ser traduzida como “o qual foi executado diante de vocês, aí onde Satanás habita” (ὡς ἀπεκτάνθη παρ’ ὑμῶν, ὅπου ὁ Σατανᾶς κατοικεῖ). Sem dúvida, sugere-se uma execução pública,⁵¹ forense,⁵² semelhante à de Jesus. Não há registro do motivo ou mesmo do método da execução de Antipas, mas pode se deduzir que ele se recusou a fazer aquilo que era defendido pelos nicolaítas e baalamitas, que eram admirados em Pérgamo, ou seja, recusou-se a participar do culto ao imperador,⁵³ e deve ter feito isso de maneira irredutível. Então, foi executado como testemunha de Jesus.

O notável exemplo de Antipas, entretanto, não parece ter produzido muito efeito positivo nos demais cristãos de Pérgamo, os quais não parecem valorizar o fato, e pode ter produzido até mesmo uma reação contrária. Provavelmente, temerosos de ter que enfrentar um destino tão cruel quanto a execução por traição perante as autoridades, os cristãos de Pérgamo seguiram o caminho alternativo oferecido pelos falsos mestres.

⁴⁹ Não parece haver razão para a aparente dúvida de Thompson nesse sentido. Ver L. L. Thompson, *Ordinary Lives: John and His First Readers*. In: David L. Barr, *Reading the Book of Revelation: A Resource for Students*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 41.

⁵⁰ Nenhuma informação adicional é dada sobre Antipas. Provavelmente, o nome seja a abreviação de Antipater, um nome comum tanto entre judeus quanto entre gregos. A tradição posterior descreveu Antipas sendo morto após o interrogatório pelo prefeito romano. Ele foi colocado dentro da estátua oca de um touro de bronze, posto sobre o fogo e assado até a morte (Ver *Acta Sanc.* 2:3-5).

⁵¹ Aune traduz a expressão como: “que foi publicamente executado onde Satanás habita”. David E. Aune, *Revelation 1-5*, vol. 52A, p. 1178.

⁵² Collins, *Persecution and Vengeance*, p. 733.

⁵³ Thompson não vê motivos para conectar a morte de Antipas com a adoração ao imperador. Ele argumenta que a referência ao trono de Satanás provavelmente se refere ao “grande altar de Zeus em Pérgamo”, ou talvez “ao culto de Asclépio e ao centro médico lá existente”. (*The Book of Revelation*, p. 173). Porém, é mais provável que tivesse relação com o culto ao imperador, pois é difícil pensar numa execução nesses outros dois casos apenas. Ou mesmo uma conjunção de fatores, pela negação de Antipas em participar de qualquer um desses cultos.

O mesmo se deu com *Tiatira* e *Sardes*, igrejas que não recebem nenhum elogio da parte de Cristo, mas aparecem como comprometidas com a visão dos grupos condenados por João. Um desses grupos, João o compara a Balaque, rei dos moabitas, e ao profeta Balaão do Antigo Testamento (Nm 22-25). Balaque contratou Balaão para amaldiçoar o povo de Israel que marchava no deserto, porém o profeta se viu impedido de fazer isso por restrição divina. Consequentemente, orientou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, oferecendo mulheres a fim de seduzir os homens de Israel para que pecassem contra Deus (Nm 31.16). Portanto, duas práticas estavam sendo incentivadas em Pérgamo como um modo de, provavelmente, fugir das sanções imperiais: comer carnes sacrificadas aos ídolos (no mercado e nas festas)⁵⁴ e, talvez, até mesmo participar de orgias sexuais com as prostitutas cultuais que ficavam nos vários templos de Pérgamo.⁵⁵ Existe alguma possibilidade de que esses falsos mestres fossem um tipo de “gnósticos primitivos”,⁵⁶ que ensinavam uma espécie de “separação” entre os aspectos carnis e espirituais da vida. Assim, talvez dissessem que participar das festas e orgias era uma atitude carnal que, no entanto, não afetava o espírito, tranquilizando a consciência dos crentes. Os nicolaítas que foram rejeitados em Éfeso, foram aceitos em Pérgamo. A frase “também tu tens os que *da mesma forma* sustentam a doutrina dos nicolaítas” estabelece uma similaridade entre as práticas dos dois grupos.⁵⁷ No entanto, o fato de Jesus mencioná-los aqui como um grupo separado pode levar à definição da posição específica dos nicolaítas: eles defendiam a participação no culto ao imperador.

A cidade de Tiatira era famosa na antiguidade por causa de seu comércio de roupas e tinturas (At 16.14).⁵⁸ Era uma cidade na qual as mulheres desempenhavam funções importantes. Segundo o entendimento do Apocalipse, certa mulher estava exercendo uma autoridade nefasta sobre a igreja. Ela se autoproclamava “profetisa” e ensinava os crentes a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas. João a chama de “Jezabel”, numa referência à

⁵⁴ Apesar do ensino paulino sobre comer tudo o que é vendido no mercado sem questionar a procedência (1Co 10.25), para os crentes de Pérgamo isso era difícil, pois a procedência das carnes era praticamente uma só: o culto pagão.

⁵⁵ Para uma análise da figura de Balaão no Apocalipse ver: Jan Willem van Henten. “Balaam in Revelation 2:14”. In: *The Prestige of the Pagan Prophet Balaam in Judaism, Early Christianity and Islam*. George H. van Kooten e Jacques van Ruiten (Orgs.). Leiden: Brill, 2008, p. 233-46.

⁵⁶ R. H. Charles. *A Critical and Exegetical Commentary on The Revelation of St. John – The International Critical Commentary*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1920, 1979, p. 63. W.H.C. Frend, “The Gnostic Sects and the Roman Empire”, *JEH* 5 (1954), p. 25-37.

⁵⁷ Beale sugere que “nicolaítas” (Νικολαϊτῶν) pudesse ser o título da seita dos seguidores de Balaão, pois o significado de Nicolau é “aquele que conquista as pessoas”, enquanto que uma possível tradução para Balaão (Βαλαάμ) seja “aquele que consome as pessoas” (*Revelation*, p. 251).

⁵⁸ Ramsay, *The Letters to the Seven Churches of Asia*, p. 325.

mulher fenícia de Acabe, rei de Israel, que era profetiza de Baal e perseguiu o profeta Elias, além de conduzir o povo à idolatria (1Rs 16). Talvez, com isso, João estivesse identificando a esposa de alguma personalidade importante da igreja em Tiatira ou mesmo alguém importante na cidade como um todo.⁵⁹

Uma possível conjectura diz que essa mulher seguia o mesmo princípio adotado em Pérgamo, porém adaptado à situação de Tiatira. Para poderem participar ativamente do próspero comércio da cidade, as pessoas eram convidadas a tomar parte nas celebrações públicas das empresas comerciais, nas quais havia celebrações cúlticas com alimentos oferecidos a ídolos.⁶⁰ A recusa em participar desses eventos poderia acarretar dificuldades em participar do comércio imperial.

Assim como a recompensa para os crentes fiéis de Pérgamo seria muito maior do que os benefícios públicos e civis advindos da participação na adoração idolátrica, para os crentes de Tiatira que vencerem aquela tentação o Senhor promete “autoridade sobre as nações” (ἐξουσίαν ἐπὶ τῶν ἐθνῶν). As duas palavras aparecem em Mateus 28.18-19 no texto da chamada Grande Comissão. O texto não está fazendo referência a um reino milenar futuro,⁶¹ pois Jesus diz que já recebeu autoridade sobre as nações, ou seja, ele já está reinando sobre elas, pois recebeu do Pai toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, é possível que a recompensa dos crentes fiéis, aqueles que estivessem dispostos a enfrentar o sofrimento e a morte, esteja sendo aqui descrita como uma recompensa celeste, desfrutando do reinado de Cristo sobre as nações.

Do mesmo modo, os vencedores de *Filadélfia* recebem a exortação para permanecerem fiéis “para que ninguém tome a tua coroa”, o que, no caso, não parece ser uma ameaça de perder a salvação, mas uma garantia de receber a recompensa especial dos mártires. Jesus igualmente os elogia porque guardaram “a palavra da minha perseverança” (τὸν λόγον τῆς ὑπομονῆς μου). Provavelmente, τὸν λόγον aqui significa “ordem ou comando”.⁶² É o senhor que ordena que seu povo sofra com paciência. Filadélfia constitui, junto com Esmirna, as duas igrejas fiéis em Apocalipse. Ambas estão sendo acusadas por judeus falsos, e ambas permanecem fiéis ao seu Senhor, mesmo pagando o preço.

⁵⁹ Charles, *Revelation*, p. 70. Não fica claro até onde é possível estender a imaginação ao pensar em Jezabel agindo em Tiatira. A comparação parece apropriada tanto para designar uma mulher gentílica que foi influente na igreja ou que usou sua influência para fazer a congregação participar de atividades sacrificiais. (Ver S. Friesen, *Sarcasm in Revelation 2-3*, p. 134).

⁶⁰ Ver L. L. Thompson, *The Book of Revelation*, 122-123. Ver também o estudo de Theissen sobre o conflito em Corinto a respeito das comidas sacrificadas a ídolos (G. Theissen, *The Social Setting of Pauline Christianity*. Philadelphia: Fortress, 1982, p. 127-132).

⁶¹ Ladd, *Revelation*, p. 43. Ver: J. F. Walvoord. *The Revelation of Jesus Christ*. Chicago: Moody Press, 1966, p. 77.

⁶² Van Henten, *Martyrdom*, p. 591. Ver nota 18.

Aparentemente, em *Laodicéia* ficavam os crentes mais abastados entre todas as cidades. Todas as expressões pejorativas que João usa apontam para a inversão de epítetos de destaque na cidade de Laodiceia, aos quais os moradores se apegavam e dos quais se orgulhavam.⁶³ Eles pensavam que eram felizes, mas eram infelizes e miseráveis. Pensavam que eram ricos, mas eram pobres. Pensavam que enxergavam bem por causa do famoso colírio feito a partir do pó frígio da cidade, mas eram cegos. Pensavam que se vestiam bem por causa das famosas confecções e da lã negra preciosa produzida na região, mas eram nus, ou insuficientemente trajados, como a palavra também pode ser traduzida.⁶⁴ Ou seja, pensavam que eram cidadãos romanos bem-vestidos, nobres, famosos, com todos os cuidados médicos, mas Cristo os descreve como mendigos, cegos e mal trajados. O status que eles desfrutavam diante dos homens era exatamente o contrário diante de Deus. Humanamente eram ricos e saudáveis, espiritualmente eram miseráveis. A exortação de Cristo, portanto, era para que a igreja se tornasse “uma verdadeira testemunha”,⁶⁵ abrindo mão do conforto de uma religião submissa ao mundo, para uma fé viva e atuante, mesmo que isso lhe custasse o “ouro de tolo” do mundo, pois assim experimentaria o “verdadeiro ouro” da fé purificada.

CONCLUSÃO

João vê a situação da maior parte das igrejas como trágica, justamente porque boa parte dos cristãos não parecia sequer entender a necessidade de testemunho perante o mundo. Muitos deles estavam engajados em negócios mundanos entrelaçados com idolatria; outros estavam se entregando às dissoluções carnis e seguiam falsos mestres que tranquilizavam a consciência deles. Em contraste com essas posturas, ele os chama para o testemunho autêntico, para a “perseverança” (ὕπομονή), ou seja, para a disposição de enfrentar perseguições e a própria morte. Ao contrário de isso ser uma perda, como muitos poderiam pensar a respeito do que aconteceu com Antipas, João mostra que a verdadeira recompensa aguarda aqueles que perseverarem até o fim no testemunho.

Assim, percebemos que o contexto do primeiro século guarda semelhanças com várias épocas que a igreja enfrenta, inclusive a atual, na qual existem focos de perseguição em várias partes do mundo. Ao mesmo tempo, ser um cristão fiel mesmo em países livres pode trazer prejuízos à pessoa, por perseguições indiretas, escárnio, desprezo e dificuldades em ascender socialmente. Contudo, a mensagem do Apocalipse continua ecoando em todo ouvido verdadeiramente cristão: sê fiel até a morte!

⁶³ Swete, *Apocalypse*, p. 61; Charles, *Revelation*, p. 96.

⁶⁴ Ladd, *Revelation*, p. 52.

⁶⁵ Beale, *Revelation*, p. 306.

ABSTRACT

At the end of the first century, when John received the vision and recorded it in the book of Revelation, the churches in Asia did not face the worst period of persecution. Even though there were occasional persecutions and some shadow of intensification of regular persecution was on the horizon, many Christians, as Roman citizens, found themselves in relative peace and security, enjoying privileges and benefits from the rich imperial trade in the region of Asia Minor. The desire to remain enjoying certain benefits led many believers to follow the path of cultural accommodation proposed by eloquent false teachers of the time. Against this behavior, Revelation demonstrates that true believers need to follow the example of Christ, who was faithful unto death and received the reward at the resurrection. In this way, if they are willing to live faithfully to Christ and face their own death because of it, they will give true testimony to the world, as well as participate in the reward of Christ.

KEYWORDS

Seven churches of Asia; Revelation; Martyrdom, Witness, Persecution.